

Boas perspectivas finalmente surgem para a pecuária

Encontros durante a Feicorte sinalizam recuperação de reços e ventos favoráveis

Moacir José

Se depender da previsão de alguns palestrantes da 13ª Feicorte – Feira Internacional da Cadeia Produtiva da Carne, realizada no Centro de Exposições Imigrantes (Agrocentro), em São Paulo, de 19 a 23 de junho último, os pecuaristas brasileiros poderão não só respirar aliviados como ficar alegres mesmo com as perspectivas de valorização da arroba, tanto no curto como no médio prazo.

O ex-pecuarista e hoje dono de restaurante Sylvio Lazzarini Neto foi o mais enfático. Para ele, alguns fatores estão trabalhando a favor de uma virada nos preços da arroba, que deverá subir e se manter elevada por um longo período. “O preço da reposição está subindo e está faltando carne de qualidade no mercado. A carne Argentina é a pior que já vi; o Uruguai exporta tudo para os Estados Unidos, a China bate recorde de consumo de hambúrguer. Tudo isso fará com que o preço da arroba continue subindo”, analisou ele durante o 7º Seminário da Associação Brasileira de Marketing Rural (ABMR&A).

Apoiado em conversas com economistas de seu relacionamento, ele diz ter a informação de que os preços da carne no mercado externo vão subir 25% até o final do ano. “O Brasil vai bater recordes de preço. Por isso, a hora de o pecuarista repensar seu sistema de produção é agora. Parem de abater matrizes, peguem financiamento no banco; a picanha barata vai acabar, assim como carne de primeira servida em redes de fast food”, vaticinou ele.

Tal entusiasmo contagiou boa par-



FOTOS: MOACIR JOSÉ

□ O consultor Francisco Vila, no Congresso da Feicorte: futuro auspicioso para quem faz cria.



te da platéia presente no auditório do Agrocentro; alguns, mais desconfiados, preferiram esperar para ver. Mas o fato é que a tendência apontada por Lazzarini começou a se confirmar em seguida, com a arroba do boi saindo de R\$ 58 para R\$ 61, no início de julho. Ela também havia sido vislumbrada por José Vicente Ferraz, da consultoria AgraFNP, só que de forma mais comedida. Ferraz apontou a redução do rebanho nacional – via intenso abate de matrizes – como fator que irá promover uma recuperação de preços a partir desta entressafra e que pode continuar pelos próximos dois anos.

2%

foi a rentabilidade máxima conseguida até agora pela atividade; cana bateu nos 12%.

Esse movimento acontece depois de um ano (2006) em que a arroba do boi registrou a mais baixa cotação em quase 30 anos, no cálculo da FNP. Esse fator contribuiu para que a rentabilidade da pecuária de corte chegasse ao nível atual, muito abaixo do de outras atividades rurais.

A taxa interna de retorno da atividade, por exemplo, ficou na faixa de 0 a

2%, contra 4 a 10% do milho, 6 a 8% da soja e 8 a 12% da cana-de-açúcar e de florestas plantadas. “É essa brutal diferença de rentabilidade que justifica a atual tendência de migração da bovinocultura para regiões mais distantes dos atuais centros de produção. Ela já está acontecendo e será muito forte nos próximos anos”, explicou ele.

Para o analista da FNP, até agora as alternativas que estavam disponíveis para o produtor eram justamente a redução do rebanho – o que também já está acontecendo –; redução do nível tecnológico aplicado na propriedade – o que compromete a produtividade – ou então sair da atividade. Ele descarta as duas últimas e diz que o melhor é cortar custos, de forma a não comprometer a produtividade ou então investir no aumento da escala para reduzir custos fixos.

MIGRAÇÃO – Outro fator que já vem ocorrendo é a redução dos investi-

mentos do pecuarista através da troca de terras mais caras por aquelas mais baratas – um dos fatores que levam à migração. Deixar de reformar pastos, promover benfeitorias na fazenda e mesmo reduzir o uso de tecnologia na área genética são outros fatores de redução de custo, com a ressalva de que este último não é recomendado por Ferraz.

Para o economista e consultor Francisco Vila, que falou na abertura do Congresso da Feicorte, a redução de custos dentro da propriedade ainda é a melhor saída para os pecuaristas, ainda que se abram outras possibilidades de capitalização, como por exemplo o arrendamento de áreas para usinas de álcool e açúcar. “Há outras possibilidades, mas o importante é que cada um dimensione seu negócio. Cada pecuarista tem de encontrar seu próprio caminho. E para isso vai precisar de ajuda”, diz Vila, se referindo à necessidade de consultores, até mais do que de gerentes.

Ele concorda com Lazzarini e Ferraz de que os indicadores de crescimento da produção bovina brasileira, da contínua evolução das exportações de carne e do aumento da demanda do produto por parte de países economicamente emergentes, principalmente os asiáticos, proporcionam uma dinâmica que favorece o Brasil em termos de volume de produção. Mas é mais cauteloso em achar que isso vá se traduzir em valorização acentuada da arroba. “A carne bovina é quase um artigo de luxo. Além do mais, o consumidor pode trocá-la por outra mercadoria. Até agora, a oferta não foi controlada por quem produz bois e continuou aumentando, o que impediu uma reação nos preços”, diz o consultor.

Diante da multiplicação das usinas – motivada pela febre dos biocombustíveis –, Vila pergunta: “Quem vai ser o dono do boi em 2015?” A resposta: cana-de-açúcar, citros e grãos (soja, milho) serão grandes atores, fornecendo resíduos para alimentar bovinos em grandes confinamentos. “Eles crescerão, mas investirão na pecuária, comprando bois para engorda”, visualiza o consultor. Por isso, ele acredita que o grande negócio para a pecuária nos próximos anos será o segmento da cria, já que a engorda ficará “espremida” entre grandes projetos pecuários e grandes cadeias agroindustriais, como a da cana-de-açúcar. “Pecuária de corte não



□ Lazzarini: arroba vai “estourar” na entressafra.



□ Ferraz: migração para terras mais baratas continuará.

poderá mais ser passatempo de profissional liberal”, alerta.

AVANÇO DA CANA – A questão dos subprodutos também foi reforçada na palestra “Cana ou boi x cana e boi – as estratégias das usinas”, apresentada, no congresso da Feicorte, pelo consultor Paulo Correia, engenheiro agrônomo e doutor em ciência animal e produção de forragens pela Esalq-USP, de Piracicaba. Em decorrência da necessidade de reforma anual de 20% da área de canavial, abre-se espaço para culturas de verão como soja, amendoim e algodão, que por sua vez geram subprodutos para consumo dos bovinos, como casquinha de soja, farelo de amendoim e torta de algodão.

O consultor avalia que a indústria sucro-alcooleira vai continuar crescendo – em 10 anos dobra de área e chega aos 12 milhões de hectares plantados, com mais 90 novas usinas implantadas – só que o perfil de produção será dependente de fornecedores e não na base do arrendamento. “A estratégia de crescer em tamanho está se esgotando, porque o operacional das usinas está no limite. Por isso, estamos recomendando – e as próprias usinas estão preferindo – que os pecuaristas produzam a cana e a entreguem à indústria, em vez de arrendarem a área para que ela plante e colha o produto”, informa o consultor. Correia estima que atualmente apenas uns 7% do volume produzido sejam provenientes de fornecedores – o restante seria dividido entre arrendamen-

tos e áreas próprias das usinas.

Segundo ele, por causa dos preços contidos do açúcar no mercado internacional, as usinas estão tendo prejuízo com o produto: o custo de produção de uma saca de 50 kg está na casa dos R\$ 20, contra um preço de venda de R\$ 15,50 a saca. E não adianta direcionar a produção para o etanol, que tem uma demanda ainda limitada (a projeção para 2007 é uma produção de 20 bilhões de litros, para uma exportação de 3 bilhões).

Para Correia, um projeto bem estruturado para uma fazenda de corte entrar na produção de cana-de-açúcar exige uma área mínima de 500 hectares. Ele recomenda, porém, que o produtor se associe a uma cooperativa, para ter melhor assistência.

FORÇA EXPORTADORA – E depois da porteira, quais as principais tendências? Como se comportarão os frigoríficos, que ultimamente têm se movimentado em ações de abertura de capital, fusões, aquisições? Para Cesário Ramalho, presidente da Sociedade Rural Brasileira, o processo de concentração de frigoríficos continuará e deverá caminhar para algo parecido com o que ocorre nos Estados Unidos, onde quatro grandes empresas respondem por 85% dos abates do país, maior produtor mundial de carne bovina, com 12 milhões de toneladas.

Quanto a uma eventual escassez de bois e subida de preços para o pecuarista, José Vicente Ferraz, da AgraFNP, acredita que isso não afetará a exportação de carne e que os frigoríficos preferirão um achatamento de margem de ganho a interromper um movimento que vem registrando acréscimo médio mensal de 25% sobre o período anterior. “Talvez a velocidade de crescimento se reduza, mas a exportação vai continuar firme”, entende o analista.

Uma das formas de “driblar” uma eventual falta de carne no mercado seria recorrer a gado próprio confinado. Mas Ferraz tem dúvidas se isso é viável economicamente para os frigoríficos. “Tem que dominar outra área, comprar bois magros, ter técnica de terminação. Correm o risco de ser ineficientes, de ganhar dinheiro de um lado (venda da carne) e perder de outro (custo da engorda)”, analisa ele, entendendo que o produtor é mais eficiente para produzir bois e que essa não é uma estratégia das mais interessantes para a indústria.

20%

dos animais abatidos em 2006 no Independência tiveram carcaça considerada “ideal”



□ **Correia:** plantar cana para poder intensificar.

“Só funciona em épocas de excesso de oferta, para poder pressionar os preços para baixo”, justifica.

Representando o Frigorífico Independência, um dos cinco maiores do País, Eduardo Kristán Pedroso, assessor para assuntos de mercado

interno, discorreu, durante o simpósio da ABMR&A, sobre as transformações da pecuária e da indústria frigorífica nos últimos 20 anos e se concentrou em alguns problemas que existem na cadeia. Apesar de todo o avanço, ainda há pecuaristas sem acesso à indústria, informou ele, citando o exemplo do Estado de Rondônia (8º maior rebanho do País) onde apenas 5.000 pecuaristas (de 80.000 estimados) têm acesso a frigoríficos.

A concentração também não é exclusividade da indústria. No âmbito do Independência,

que em 2006 recebeu 816.000 animais de 3.013 fornecedores em todo o Brasil, apenas 361 produtores (12%) responderam por 58% do abate, enquanto



□ **Cavalcanti:** ganhará quem fizer “gestão inteligente”.

1.446 (48%) contribuíram com irrisórios 8%. Foram os grandes que mais receberam bonificações por apresentarem animais com carcaças desejadas pela indústria. Mesmo assim, só 25% deles ficaram com as premiações. “Apenas 20% do abate resulta em carcaças com cobertura de gordura e tamanho de peças ideais”, diz Pedroso.

O técnico do Independência lembrou também que a cada três bois abatidos “sobram” 26% de carcaça de dianteiro ou de ponta de agulha que não têm colocação no mercado. Ressaltou, ainda, que animais muito pesados e com muita gordura – aqueles que passam das 23 arrobas – também são indesejados e sofrem deságio. “Uma carcaça dessa não rende



□ **Pedroso:** ganhará quem conseguir lotes uniformes.

entregues será cada vez mais apreciado pelo frigorífico. “Quem conseguir fazer isso tem de se sentar com a indústria e negociar preço melhor” recomendou.

Mas as modernas demandas dos frigoríficos não são recebidas por todos com a mesma concordância. Apresentando a visão do produtor no simpósio da ABMR&A, José da Rocha Cavalcanti, selecionador de Nelore em São Miguel do Araguaia, GO, considera que a indústria privilegia demais a escala de produção, deixando as necessidades do produtor como quinta prioridade. “E a economia de escala não é boa para o produtor que, quanto mais intensifica, mais transfere renda para os frigoríficos”, desabafou ele, temendo que se repita com a pecuária o que ocorre com a avicultura, por exemplo, onde “o frigorífico manda e paga o fornecedor apenas o suficiente para que ele se mantenha na atividade”.

Propôs, em vez da intensificação, que os pecuaristas façam uma “gestão inteligente”, que leve em consideração a manutenção dos recursos naturais da propriedade, a reforma de pastos e uma “reengenharia” no manejo dos animais. Segundo o criador, a tendência dos consumidores no futuro vai corroborar com essas práticas, privilegiando a carne que seja produzida respeitando-se os animais e o meio ambiente.

Pregou, também, que se mude a mentalidade de se ter bois como reserva de valor e não como produto de uma atividade econômica. “Não é só peso que conta. Entre um boi de 20 arrobas e outro de 16@ é preciso ver qual traz melhor rentabilidade para o produtor”, diz ele, que faz ciclo completo, com “uso mediano de tecnologia (pastejo fixo com carga variável), com produção anual de 6.000 arrobas (em torno de 350 animais).

tanto nos cortes, pois o excesso de gordura tem de ser retirado, além do que essa carcaça custa muito dinheiro para o produtor produzir”, justificou ele.

Aproveitou para dar uma dica: aproximar a cabeceira do fundo nos lotes

SUSTENTABILIDADE

A reforma de pastagens figura como prioridade número um no conceito de Sérgio Morgulis, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementação Mineral. Durante seminário da ABMR&A na Feicorte, mês passado, ele defendeu como ideal um nível de 20% de área reformada por ano no Brasil, quando, atualmente, o percentual não passa de 8%.

A causa, segundo ele, é o modelo extrativista da pecuária nacional, que consome apenas 3% dos fertilizantes produzidos no País. “Sem pasto bom, não há suplementação eficiente”, raciocina. Por isso, ele ressalta a importância da tecnologia da integração agricultura-pecuária.

Iapar 35 anos

O Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), órgão de pesquisa vinculado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento (Seab), completou 35 anos no dia 29 de junho. Para comemorar a data, a instituição organizou um extenso calendário de atividades, em sua sede, em Londrina, iniciado no dia 26. Criado em 1972, a rede Iapar conta com 16 estações experimentais, 23 estações agrometeorológicas e dezenas de laboratórios e instalações especiais para pesquisa e transferência de tecnologia, e tem 102 pesquisadores

Firmes nas compras

Os Estados Unidos se mantêm firmes como maiores compradores dos produtos do agronegócio brasileiro. De janeiro a maio deste ano, a conta chegou a US\$ 2,67 bilhões, representando 12,3% dos US\$ 21,7 bilhões vendidos pelo setor ao mundo todo. Sobre o mesmo período de 2006, o crescimento das exportações do agro nacional é de 26,8%, enquanto que a compra dos norte-americanos avançou 5,1%. As carnes, incluindo a bovina industrializada, responderam por US\$ 4,3 bilhões. Os dados são da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio, pertencente ao Ministério de Agricultura e Pecuária.